

Jornal da *Brasileira*

SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE PORTO ALEGRE



Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.18 NÚMERO 02 - NOVEMBRO 2014

Imagem Elias Andrade



Psicanálise e inserção social

COMISSÃO DO PROJETO SOCIAL • GIULIANA CHIAPIN • LEONARDO FRANCISCHELLI



EDITORIAL

Por um mundo melhor

Queridos leitores!

Eis aqui mais uma edição do *Jornal da Brasileira*. Na edição anterior, fizemos modificações estéticas para deixar sua leitura mais clara e atraente. Nesta, quisemos que ganhasse leveza e "pessoalidade". Para isso, buscamos textos mais curtos e inserimos imagens e fotos dos nossos autores e eventos.

Propomos como tema central desta edição "Psicanálise e Saúde Pública", um tema desafiador. Como psicanalistas e cidadãos, não podemos deixar de assumir a responsabilidade que nos compete sobre a "saúde" do mundo onde vivemos. Humanizar e criar uma "consciência coletiva" de cuidado que independa de programas governamentais muitas vezes fugazes e vinculados a quem ocupa a gestão pública no momento é essencial. Mas como o Psicanalista pode se inserir na saúde coletiva, sendo seu trabalho uma experiência na singularidade da relação de uma dupla (analista/analizando)?

A Brasileira formou sua Comissão de Projeto Social, imbuída em pensar e desenvolver ações que possam contemplar o coletivo. A Febrapsi também tem se ocupado dessa questão. Em julho deste ano, tivemos em Porto Alegre um encontro nacional das federadas, numa troca de experiências e planejando ações. Em agosto, tivemos aqui na Brasileira um evento científico, com excelente repercussão, que marcou o início de nossas atividades voltadas à saúde coletiva. Nas páginas centrais desta edição, trazemos duas diferentes experiências abordando o tema proposto.

Agradeço ao afetuoso empenho dos colegas que enriquecem nosso jornal com seus textos, poemas, resenha e notícias, pela oportunidade de participar dessa criativa equipe editorial formada pelos colegas Magda Beatriz Martins Costa, Rodrigo Boettcher, jornalista Helena Mello, responsável pela formatação da edição, Juliana Ulrich, também jornalista e assistente editorial, ao apoio da equipe da nossa secretaria e aos leitores que irão, com sua leitura, finalizar esse trabalho. •

Grande abraço,
Mara Horta Barbosa, Psicanalista da SBPdePA,
Editora do *Jornal da Brasileira*

ERRATA: Na edição anterior, na página 4, o nome de Fernando Kunzler, autor do texto, foi publicado embaixo da foto, o que pode ter induzido o leitor ao erro de considerar que se tratava de uma foto sua.

Jornal da Brasileira

JORNAL DA BRASILEIRA

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça dr. Maurício Cardoso, 07 – CEP 90570-010

Porto Alegre – RS – BRASIL

Tel./Fax 55 51 3330-3845/ 3333-6857

www.sbpdepa.org.br/ sbpdepa@sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

DIRETORIA

Presidente: Helena Ardaiz Surreaux

Secretário: Lores Pedro Meller

Tesoureira: Ane Marlise Port Rodrigues

Diretora da Comissão Científica:

Sílvia Brandão Skowronsky

Diretora da Comissão de Comunicação:

Mara Loeni Horta Barbosa

Diretora da Comissão de Relações com a Comunidade:

Patrícia Goldfeld

Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP):

Denise Zimpek Pereira

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretor: Fernando Kunzler

Secretário: Leonardo Francischelli

Coordenadora da Subcomissão de Seminários:

Laura Ward da Rosa

Coordenadora da Subcomissão de formação:

Augusta Gerchmann

Subcomissão da Infância e Adolescência

Associação de Membros do Instituto:

Magda Regina Barbieri Walz

NÚCLEOS

Núcleo de Infância e Adolescência (NIA):

Eluza Nardino Enck

Núcleo de Vínculos: Vera Maria H. Pereira de Mello

Grupo de Estudos Espaço Potencial

Grupo de Estudos Pró-Criar

Comissão de Universidade: Kátia Araújo

Comissão de Projeto Social: Alexandre Antunes

Comissão de Educação à Distância:

Helena Ardaiz Surreaux

Membro Honorário: David Zimmermann (in memoriam)

JORNAL DA BRASILEIRA

Editora: Mara Horta Barbosa

Conselho Editorial: Rodrigo Boettcher

e Magda Beatriz Martins Costa

Assistente Editorial: Juliana Ulrich

Jornalista responsável/Editoração: Helena Mello

Revisão de português: Oficina do texto e Victor Lourenço.

Projeto Gráfico: Helena Mello

Secretária: Micaela Wunsch

Execução gráfica: Calábria – Tiragem: 500 exemplares

A Brasileira e um projeto para a prática social

A ocupação desta “Coluna da Presidente” tem sido uma privilegiada oportunidade para a reflexão e o diálogo com a Instituição em um nível mais elaborado do que se dá na minha prática quotidiana de pensar a Sociedade. Vem se tornando um compromisso bastante abarcador, quem sabe, proporcional ao espaço que a Brasileira ocupa dentro de mim. Talvez a importância que dou a esse diálogo e o peso das palavras aqui escritas seja responsável por inevitáveis ambivalências e sofrimento no momento de colocar-se a escrever. Estes apenas podem ser domados no próprio exercício da escrita. Assim, a ele me entrego agora.

Este número é dedicado às relações entre a psicanálise e o social, tema que dá corpo a um objetivo fundamental das duas últimas gestões: a inserção da Brasileira em uma prática social. Assim, quero aproveitar este espaço para historizar e fundamentar o desenvolvimento deste projeto.

A crença na importância de assumir uma responsabilidade social por parte das instituições de psicanálise trouxe um profundo debate no âmbito desta diretoria sobre a forma de inserir-nos em projetos dessa ordem. Também nos ocupou a interrogação acerca do interesse dos membros nesse investimento.

A proposta foi sendo difundida e fomos encontrando muita simpatia por parte dos colegas na inclusão de nossa Sociedade em uma prática social. Descobrimos ainda que um grupo expressivo da Brasileira está ou esteve ligado ao trabalho na rede pública de saúde mental do Estado, sobretudo nos CAPS. Destaco, dentre essas participações, o incentivo e participação ativa de nossa colega, membro do Instituto, Sandra Fagundes, com profunda experiência na inserção da psicanálise no campo social e hoje Secretária da Saúde do RS, para construir o projeto.

Dessa forma, colocamos em prática este plano, pioneiro no país, que consiste em abrir um espaço para a discussão clínica de casos oriundos de atendimentos em instituições da rede pública de saúde mental. As re-

uniões se dão em nossa sede, com uma frequência mensal e abertas aos trabalhadores da rede pública do Estado. Contamos ainda com o importante apoio e parceria da Secretaria da Saúde. Já tivemos a primeira experiência, que resultou em um encontro muito rico, com grande entusiasmo e interesse dos participantes, ávidos na adesão a esta proposta de suporte ao seu exercício profissional.

A pergunta que cabe aqui é: sobre que bases se assenta o encontro da psicanálise com o campo social?

A psicanálise é um “dispositivo social, cultural, inventado por Freud” (Vicente Galli). Um dispositivo pautado, ao meu modo de ver, em alguns elementos fundamentais: um contrato, um método, uma arte e uma ética.

O contrato estabelece o enquadre que estará em vigor, individual, grupal e outras especificidades.

O método é o inventado por Freud, baseado na associação livre, regra fundamental, que marca o lugar do “paciente” na necessária assimetria da relação e o “material” sobre o qual se vai trabalhar. Por “material”, se entende toda a produção e expressão do paciente, o que se “cria” na sessão a partir das singularidades envolvidas, bem como o que lhe surge ao analista como ocorrências, captadas pela sua atenção flutuante e sua contratransferência. Todo esse impacto do material vai sendo priorizado e organizado pelo analista a partir de sua escuta singular e do projeto terapêutico que esteja em jogo. E de singularidades é feito esse encontro.

Quando se fala em técnica psicanalítica, temos que remeter-nos ao termo de raiz grega *Techné*, traduzido como “arte” ou “ciência”. A relação dialética entre ambas dimensões dão conta do exercício da clínica. O lado científico, constituído pelo conjunto de procedimentos para chegar a um fim, só terá sentido em articulação com a via artesanal, que implica uma criação única com cada paciente.

Por fim, a ética fala da abstinência quanto ao próprio desejo (do psicanalista), em prol do projeto do outro. O método trabalha perseguindo o desejo do paciente, oculto, desbotado

ou inexistente para desvendá-lo, colori-lo ou construí-lo. Razão última da análise e da vida.

Todos esses elementos, para mim, são os fundamentos de uma intervenção clínica psicanalítica e constituem um enquadre interno, do qual o analista vai se apropriando e que o habilita a exercê-la em qualquer âmbito. Segundo Galli, o “enquadre interno do analista é a invariância reinventada das apostas que o psicanalista faz nos enquadres manifestos e depende da integração que tenha realizado e que esteja realizando de toda a psicanálise”.

Essa ética e estética da psicanálise, em sua complexidade, é única como formato de investigação da condição humana e também de intervenção, segundo a configuração psíquica em jogo.

É este olhar atravessado pela psicanálise que podemos oferecer às equipes que lidam com os sofrimentos, vulnerabilidades e mutilações psíquicas dos centros de atenção da rede pública. Importante marcar que nosso objetivo é promover discussões clínicas, nas quais contribuiremos com o aporte da psicanálise, não é o de supervisão. Não nos arrogamos esse lugar de superioridade, até porque, provavelmente, vamos aprender mais do que ensinar. No entanto, temos um capital de inestimável valor que deve ser compartilhado, esse é o nosso compromisso com a comunidade e que, com certeza, nos fará muito bem realizar.

Agradeço a Mara Horta Barbosa, editora do jornal e a sua equipe, Magda Beatriz Martins Costa e Rodrigo Boettcher, a Helena Mello, nossa jornalista e a Juliana Ulrich, assistente editorial, pela sensibilidade na escolha deste tema, tão caro a esta gestão e tão sintônico com o contexto das políticas da Febrapsi (como verão nas seguintes comunicações do jornal) e pela delicadeza na forma de abordá-lo. Estão de parabéns!

Uma boa leitura a todos!

Helena Surreaux,
Presidente da SBPdePA



Narcisismo: um conceito que faz cem anos

Silvia Brandão Skowronsky, Psicanalista da SBPdePA.

Roda de Conversa. Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos Perspectivas Conceituais e Clínicas. Teoria do Narcisismo. Modelo do Complexo de Édipo. Pulsão de Morte.

Na construção da Psicanálise e na elaboração do pensamento teórico, Freud articula uma complexidade conceitual, uma autêntica trama. Importa pensar esta trama conceitual para situar o alcance, a vigência e a atualidade. O texto de Freud, de 1914, Narcisismo uma Introdução, inaugura o campo da Teoria do Narcisismo, marcando a psicanálise de Freud e compondo conceitualmente as elaborações posteriores sobre a noção de ego. Também marcou fortemente a segunda tópica com o Modelo Estrutural de Id, Ego e Superego, o qual ampliou o Modelo Econômico da primeira tópica, descrito na Metapsicologia de 1915.

É indiscutível a vigência da conceituação Freudiana sobre o Narcisismo, importante conceito que faz cem anos. A releitura da Teoria do Narcisismo aponta a fecundidade conceitual e clínica em muitas perspectivas. Abre o caminho para elaborar o campo das identificações, noção com complexidades que se irradiam sobre o biológico e o psíquico, o herdado e o adquirido. Envolve ainda a identidade sexual, a auto estima, a capacidade de amar, o reconhecimento da alteridade e o lugar psíquico, que Freud chamou de ego, o qual organiza e registra a experiência infantil com a dupla parental em suas funções materna e paterna.

A noção de uma nova ação psíquica, ao instaurar o ego incipiente em relação com a pulsão, com suas respectivas inscrições e representações psíquicas, situa a importância conceitual da Teoria do Narcisismo. Propõe a idéia

de psiquismo em que a demarcação de um eu e de um não-eu evolui em complexidades, como o registro próprio da experiência com o si-mesmo. Condição evolutiva para a experiência com o Complexo de Édipo, nos caminhos e marcas da sexualidade infantil, organizadoras de recursos e de limites. Campo das identificações secundárias, da descoberta das diferenças, anatômica e geracional, e inclusão das leis da cultura no psiquismo, via o Superego, que é um herdeiro do Complexo de Édipo. Demarcação da experiência psíquica com a sexualidade infantil, com o interdito do incesto, possibilidade de partilhar as leis culturais e a alteridade.

Em Além do Princípio do Prazer, de 1920, com a inclusão da noção de compulsão à repetição, Freud modifica a teoria das pulsões de 1915 e propõe o conflito entre pulsão de vida e de morte. Introduce o tema do desligado, aquilo não representado, um mudo que significa pulsão de morte, com potencial destrutivo. O tema do ligado, da pulsão de vida, campo das representações, inspirado na metapsicologia de 1915, postulada para pensar o modelo das neuroses, circunscreve a sexualidade infantil no tempo do narcisismo e no tempo edípico. Porém, diante das evidências de um agir compulsivo, além do princípio do prazer, Freud percebe que o modelo para teorizar o campo das neuroses representava um importante caminho, mas insuficiente para patologias de outra configuração.

Complexidades conceituais que inspiram os Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos da Roda de Conversa da SBPdePA. O tema da Teoria do Narcisismo, em 18/9/2014; o tema do Complexo de Édipo, em 15/10/2014; e o tema da Pulsão de Morte, em 20/11/2014.



As Rodas de Conversa prepararam para o II Encontro de Estudos da Obra de Freud. A Metapsicologia faz cem anos. Diálogos Psicanalíticos Contemporâneos. Perspectivas Conceituais e Clínicas. Em 7 e 8 de novembro com Dr. Ricardo Avenburg da APdeBA de Buenos Aires.

APRESENTAÇÃO

Algumas palavras para apresentar Ricardo Avenburg, nosso convidado, interlocutor escolhido a dedo para trabalhar conosco no II Encontro de Estudos da Obra de Sigmund Freud.

Nasceu na Argentina em 1933. É médico e psiquiatra formado pela Universidade de Buenos Aires. É membro fundador e didata da Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (ApdeBA) e membro fundador da Asociación Psicoanalítica del Sur. Foi professor titular da cátedra "Teoria Psicanalítica: Freud", na Universidade de Buenos Aires e professor de Psicoterapia do Instituto de Psicoterapia de Gotemburgo, Suécia. Entre 1977 e 1988 foi chefe do Serviço de Psicopatologia do Hospital Israelita Ezrah.

Com inúmeros artigos, quatro livros publicados e estudioso do texto freudiano a partir do seu idioma original, é reconhecido internacionalmente como um dos mais profundos conhecedores da obra de Freud na atualidade. Sua relação entranhável com a filosofia (Heráclito, Aristóteles, Kant, Hegel, entre outros), nutre sua produção geran-

do articulações que transcendem amplamente o campo da psicologia.

Analisou-se com Pichón-Rivière e iniciou seus estudos de psicanálise quando o ambiente científico era dominado pela perspectiva teórico-clínica kleiniana. Logo, seu espírito inquieto levou-o a perguntar-se sobre em que bases se assentava sua formação e foi buscar a Freud, ainda pouco conhecido para ele. A surpresa e a abertura de caminhos infinitos no campo da cultura a que esse encontro íntimo com o criador da psicanálise o levou se mantêm vivas até hoje.

Segundo Jorge Garbarino, o diálogo que Avenburg estabelece com Freud é tão “vivo e despojado de preconceitos que o levou a desenvolver o pensamento freudiano gerando perspectivas novas”. Dentre estas, Garbarino destaca “suas hipóteses acerca da qualidade psíquica e da relação de certos ritmos com a constituição do princípio do prazer, os alcances do termo “instinto” na obra de Freud, o desenvolvimento do conceito de transferência contido no cap VII da “Interpretação dos sonhos”, seus estudos sobre o processo de formação do ego, suas inquições acerca do lugar que ocupa a linguagem na conformação do aparelho psíquico, além de uma forma particular de desenvolver o trabalho clínico”.

Vale ainda uma nota acerca da qualidade humana de Ricardo. Sua humildade, proporcional à grandeza de sua capacidade criativa e erudição, permitiram que sempre colaborasse com disposição e generosidade com a nossa Sociedade. Brindou-nos com artigos que foram publicados em números da Revista Psicanálise da SBPdePA, bem como com uma lindíssima entrevista em nosso jornal de julho de 2011, além de uma aula via skype em um seminário de técnica do nosso Instituto. Suas obras estão na internet, acessando: www.avenburgobrascompletas.blogspot.com.

A Diretoria da SBPdePA.

Parentalidade e Família: perspectivas atuais

Augusta Gerchmann, Psicanalista da SBPdePA



O conceito de parentalidade, atualmente, não mais se apoia na ideia de família. Parentalidade e família constituem duas situações bastante distintas e, muitas vezes, tampouco se aproximam ao conceito e à estrutura do que conhecíamos antigamente por família. A parentalidade, antes circunscrita ao âmbito do privado, na família, tornou-se pública, pelo fracasso da família.

No novo século, ocorreu uma mudança de paradigma na família; hoje, presenciamos constelações diversificadas com novas configurações, com a ocorrência de um declínio da imagem social do pai ou ausência da proteção natural da mãe que promoveram uma necessidade crescente da intervenção externa.

Por conseguinte, os cuidados que antes eram deixados ao arbítrio da mãe e do pai, em nome do bem do filho, são assumidos através de diversas figuras, como um TERCEIRO SOCIAL: o professor, o pediatra, o psicólogo, o assistente social, o juiz de menores, o juiz de varas de família.

Por vezes, esse TERCEIRO se introduz por si mesmo para salvaguardar a criança ou adolescente das situações de conflito e ajudá-lo a resolver seu mal-estar pessoal.

Conforme a bibliografia, a clivagem entre vida de casal e direitos públicos é também gerada pela lei que instituiu o pacto civil de solidariedade (PACS) – Lei francesa que legalizou a união entre casais do mesmo sexo. A justiça, nesses casos, não tem autoridade para saber qual a orientação sexual dos contratantes, esta é de ordem íntima.

A sexualidade do casal e a competência parental quanto à educação

dos filhos tornaram-se, também, dois segmentos distintos. A dissociação se faz através da sexualidade sem parentalidade ou parentalidade sem sexualidade.

Por conta da perda da comunidade familiar e do mergulho da sociedade no anonimato, o indivíduo está cada vez mais entregue a si mesmo e ao desamparo, como consequência natural, lembrando que essa é a condição inicial, primitiva do ser humano.

Vejamos qual seria uma explicação possível da psicanálise para essas mudanças tão radicais na função materna e função paterna.

Entendemos que tanto a função materna quanto a função paterna marcam o caminho do biológico – que introduz o ser humano no mundo, ao psíquico – que o insere na cultura. A experiência infantil do apego com relação a essa dupla marca sua própria história e os caminhos que percorrerá nas escolhas futuras e suas relações com o Outro.

Pensamos ser esta a grande virada que a parentalidade sofreu, deixando as marcas inevitáveis pela falha nos cuidados primários dos vínculos consanguíneos, ao mesmo tempo em que nos convoca a repensar as novas patologias daí decorrentes.

Como, então, ocorrem os desdobramentos dessas funções, materna e paterna? Quais podem ser as perspectivas atuais da família? Estas foram as questões debatidas no encontro “A Brasileira na Cultura”, cujo tema do dia 30 de abril foi Parentalidade e família. Na ocasião, tivemos o privilégio de contar com a participação de representante da OAB – Ordem dos Advogados do Brasil – sessão Rio Grande do Sul.



Parentalidade e infância foi o tema da “Brasileira na Cultura” em abril

Que Instituto queremos?

Fernando Kunzler, Psicanalista da SBPdePA



Reunião de trabalho do Instituto

O Instituto de Psicanálise vem trabalhando na realização do Programa de formação analítica apresentado no momento das eleições. Nesse sentido, a Diretoria, além das reuniões semanais com a Coordenadora e com a AMI (Associação de Membros do Instituto); promoveu assembleias com os professores e com os membros do Instituto, sejam os egressos dos seminários, sejam os que ainda os estão cursando. O objetivo é discutir e aperfeiçoar o Plano de Estudos visando melhorar, dentro do possível, a transmissão da psicanálise. Como se transmite a psicanálise? É uma questão que preocupa o Instituto. É uma função pedagógica? O Instituto trata assim de responder à questão "QUE INSTITUTO QUEREMOS?" após 20 anos de existência da nossa Brasileira.

Febrapsi

A Brasileira está preparando sua participação no próximo Congresso da Febrapsi de 29 a 31 de outubro 2015. Reserve esta data e participe!



Centro de Atendimento Psicanalítico

Com o intuito de oferecer um espaço para reflexão e aprimoramento da prática clínica, o Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) vem promovendo a apresentação e discussões de casos, assim como estimulando o aprofundamento do estudo teórico. Para tanto, em setembro iniciou um estudo sobre o setting psicanalítico, visando uma revisão teórica e discussão da práxis clínica atual. As primeiras leituras serão do livro: A Tina-A transigência da transferência, de Jean Laplanche.

O CAP mantém-se de portas abertas a novos integrantes de todas as categorias da Sociedade e membros do Instituto. Os encontros acontecem na primeira sexta-feira e na segunda quinta-feira de cada mês.

O Centro de Atendimento Psicanalítico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, com o intuito de ampliar os benefícios da psicanálise a um número maior de pessoas, oferece atendimento individual a crianças, adolescentes e adultos a honorários institucionais. O atendimento é realizado por profissionais qualificados, em seus consultórios particulares.

Interessados podem entrar em contato com a secretaria da SBPdePA através dos fones (51) 3330.3845 ou 3333.6857

Denise Zimpek Pereira - Coordenadora do CAP e Psicanalista da SBPdePA

Site e Logo

A comissão de comunicação está executando um trabalho de renovação da identidade visual da instituição, o que inclui modernização do site e da logomarca da Sociedade. Nas redes sociais a fanpage da SBPdePA vem ganhando espaço e já conta com mais de duas mil curtidas.

Revista

Psicanálise: Revista da SBPdePA está completando 15 anos. Estamos buscando dois indexadores de produção científica, o que irá lhe conferir uma maior credibilidade no meio científico. Também está em estudo o processo de oferecer a revista na Internet, aumentando a sua visibilidade. É o futuro... Parabéns à nossa adolescente!

I Simpósio da AMI

No dia 27 de Setembro ocorreu na Sede da Brasileira o primeiro simpósio anual dos membros do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de PoA. O evento foi um sucesso tendo em vista o número de participantes, a consistência e a pertinência das discussões. No primeiro tempo, com a participação dos colegas Fábio Martins Pereira, Tamara Ferreira e Kellen Gurgel, foram apresentados os três modelos de Formação aceitos pela IPA atualmente. Na sequência, as colegas Cristiane Paixão e Ane Marlise Port Rodrigues expuseram seus depoimentos sobre por que fazer uma formação filiada à IPA, o que enriqueceu muito a discussão sobre a transferência com a psicanálise e identidade psicanalítica. No final, ocorreu uma confraternização com uma deliciosa paella no terraço da Brasileira. Como resultado, criou-se um espaço muito rico e im-



portante para ampliação e criação de novos pensamentos e projetos. Fica expresso aqui o agradecimento e a satisfação com a participação de todos aqueles que contribuíram para este profícuo debate.

Tamara Barcellos Jansen Ferreira e Kellen Gurgel Anchieta, Membros do Instituto de Psicanálise da SBPdePA.

COMISSÕES GERAIS

Comissão de Relações com a Comunidade

A Comissão de Relações com a Comunidade deu sequência, neste segundo semestre, a uma série de atividades já em andamento, como o curso de pós-graduação em Psicanálise e Educação na UniRitter, o Café Cinema. E, em convênio com a Ufpel e a Sociedade Psicanalítica de Pelotas, segue com a criação de um curso em extensão em Psicoterapia Psicanalítica para psicólogos e médicos psiquiatras.

Em agosto, a colega Renata Vives, em parceria com a Fundação Esporte Clube Internacional, e a psicopedagoga Clarissa Candiota, realizaram palestra sobre o tema "A transferência na relação professor-aluno", para aproximadamente 70 monitores de escolas de Porto Alegre atendidas pela fundação. Esta foi a primeira de uma série de atividades que serão desenvolvidas em conjunto.

Comissão de Memórias e Arquivos

A história da Brasileira tem recebido atenção especial da Comissão de Memórias e Arquivos que, sob a coordenação de Jeanete Sacchet, revive as memórias da instituição com um trabalho de coleta e organização de material histórico. Os quadros com fotos dos ex-presidentes da Brasileira estão expostos em uma sala da Sociedade e também estão sendo providenciadas placas, restauros e a confecção de novo letreiro para a fachada da casa. Qualquer doação de material ou auxílio a este trabalho será recebido de bom grado pela comissão.

Núcleo de Florianópolis

As atividades do Núcleo de Florianópolis na segunda metade deste ano, incluíram, além dos seminários que ocorrem quinzenalmente, a realização, em conjunto com o curso de medicina da UNISUL de Tubarão, de uma jornada científica que contou com mesas de diversos temas.

Em novembro, o NPF anuncia o debate sobre o tema do suicídio, com o médico e psicanalista argentino Andres Rascovski, a partir de um vídeo escolhido.

Espaço Potencial

A proposta atual do grupo de estudos Espaço Potencial é estudar o livro de Ricardo Rodulfo, intitulado "Trabajos de la Lectura, Lecturas de la Violencia", no qual o autor realiza um aprofundado estudo sobre a obra de Winnicott. O grupo optou pela metodologia de releitura e discussão dos textos originais de Winnicott, que são abordados em cada capítulo do livro de Rodulfo.

O grupo propõe que a última reunião do mês seja destinada para a discussão de um caso clínico, que permita exercitar a teoria estudada.

NIA

O NIA está organizando uma atividade conjunta com o Núcleo de Vínculos e Transmissão Transgeracional e o Grupo Pró-Criar a realizar-se no mês de novembro de 2014. Serão apresentações e discussões de casos clínicos contemplando os diferentes vértices e objetos de estudo enfocados pelos núcleos envolvidos. Outro projeto em desenvolvimento é a criação de grupos de estudo sobre temas que estão sendo escolhidos de maneira a contemplar o interesse do público interno e externo e será lançado até o final do ano.

Pró Criar

O grupo Pró Criar continua se reunindo às quartas-feiras para estudar o tema "Reprodução Assistida" e segue com vagas em aberto para demais interessados. Para outubro está programada, em parceria com Núcleo de vínculos e o NIA, a realização de um encontro para debater casos clínicos.

Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional

No segundo semestre, o Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional passou a contar com a participação da colega Astrid Ribeiro. O grupo tem como foco de estudos as questões relativas às novas configurações familiares, mais especificamente à homoparentalidade, tema frequente em diversos fóruns de discussão." Na homoparentalidade encontramos como ponto comum às duplas a eleição de objeto do mesmo sexo, entretanto, os mecanismos psíquicos que sustentam a busca de um filho podem ser diametralmente diversos em cada dupla. Entendemos que não podemos nos furtar a pensar sobre estas questões, considerando a complexidade do tema, que nos impõe revisarmos a concepção teórica freudiana relativa à sexualidade, ao complexo de Édipo, agregando um aporte mais complexo, envolvendo a intersubjetividade", explica Vera Maria Homrich Pereira de Mello, coordenadora do núcleo.

Psicanálise e saúde pública: um encontro possível?

Comissão de Projeto Social da SBPdePA

Os últimos meses foram de muitas atividades para a Comissão de Projeto Social. Além das reuniões quinzenais, a comissão representou a SBPdePA no evento Responsabilidade Social das Instituições Psicanalíticas, que aconteceu em Porto Alegre, nos dias 25 e 26/07/2014. O evento, promovido pela FEBRAPSI, contou com a participação de representantes das instituições psicanalíticas federadas e do representante do Ministério da Saúde, Marcelo Pedra. Nesta ocasião, Sandra Fagundes apresentou com maestria o projeto que vem sendo desenvolvido pela Comissão de Projeto Social. Durante o evento, foram eleitos assessores para auxiliar a FEBRAPSI a melhor delinear o processo de responsabilidade social das instituições psicanalíticas. Os nomes escolhidos foram: Sandra Fagundes (SBPdePA), Maria Teresa N. Rocha e Maria Teresa Silva Lopes (SBPRJ), Regina Elizabeth Lordello Coimbra (SBPSP) e Bruno Salésio (SPPel).

Em agosto, dando continuidade ao projeto social, a SBPdePA, em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde, promoveu a conferência "Psicanálise e saúde pública: um encontro possível?" com o psicanalista argentino Vicente Galli. Nesse encontro também ocorreu uma discussão

clínica de um caso atendido na rede de saúde pública, apresentado pela colega Ângela Beatriz Schwerz, membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA. "A experiência de ter sido supervisionada pelo dr. Galli e do material apresentado ter sido discutido de forma tão empática pelos colegas da SBPdePA foi muito enriquecedora para mim e para a equipe do CAPS II, da qual faço parte. Durante o evento, a pergunta 'Saúde Pública e Psicanálise: Um Encontro Possível?' foi sendo respondida através de um debate que permitiu aprofundar o papel do psicanalista que atua na rede pública. Para mim significou a possibilidade de integrar a minha prática de psicóloga que atua na saúde pública há vinte e um anos com a formação psicanalítica que realizei na SBPdePA, legitimando condutas necessárias a abordagem biopsicosocial", comenta a psicanalista.

Consideramos esses como os primeiros passos de um ousado projeto-piloto que se constituirá a partir de encontros mensais com a rede pública de saúde mental abertos não só aos CAPS, mas a toda a rede macrometropolitana, onde serão discutidos casos oriundos destes mesmos serviços, buscando aproveitarmos o olhar, a escuta e o referencial



Secretária da Saúde, Sandra Fagundes, Vicente Galli e representantes da SBPdePA

psicanalítico como base de uma construção em conjunto com os profissionais envolvidos nos atendimentos.

Dessa forma, estamos buscando atender ao que motivou a criação desse grupo em nossa sociedade, aproximar a psicanálise ao meio social, amplificando seu alcance, contribuindo com a rede pública de saúde e resgatando o compromisso social.

A comissão de projeto social é composta por Alexandre Antunes (Coordenador), Ângela Beatriz Schwerz, Claudia K. Halperin, Helena Surreaux, Magda B. Martins Costa, Mara Horta Barbosa, Patrícia R. Menelli Goldeld, Sandra Fagundes e Tamara Barcellos Jansen Ferreira. •



Onde anda a ética social da psicanálise?

Leonardo Francischelli, Psicanalista da SBPdePA

Há pouco se realizou em nossa cidade o evento a "Responsabilidade Social das Instituições Psicanalíticas", promovido pela FEBRAPSI. Essa ideia nasceu no último congresso de psicanálise realizado em Campo Grande, onde aconteceu uma mesa redonda com os ex-presidentes da FEBRAPSI. Deste encontro prosperou

o pensamento de que os psicanalistas brasileiros, ligados a IPA, pudessem trabalhar de forma efetiva com a doença psíquica no País.

É verdade também que a preocupação com o sofrimento psíquico do brasileiro veio de distintos colegas e diferentes Sociedades Psicanalíticas da nossa federação. Todas es-

sas inquietudes foram encaminhadas à atual direção da FEBRAPSI, que, através de seu presidente, o Dr. Aloysio D'abreu, reconheceu a validade das manifestações e procurou, imediatamente, contatos com o Ministério da Saúde, em Brasília.

No evento, aconteceu uma reunião com o Dr. Heider Aurélio Pinto,

responsável pelos cuidados básicos da educação e saúde do País. Desta reunião nasceu a convocação para o encontro de Porto Alegre com todas as sociedades brasileiras e grupos de estudos vinculados a FEBRAPSI para que, num primeiro momento, a federação tomasse conhecimento do que cada sociedade vinha fazendo no âmbito da saúde psíquica, fora dos nossos muros societários.

Pois bem, tudo isso já é passado. O acontecimento de Porto Alegre foi um sucesso, segundo todas as vozes presentes. A Brasileira marcou presença.

Sandra Fagundes representa a Sociedade na comissão organizada para pensar o próximo encontro. Presente estava também o ministério da saúde representado por Marcelo Pedra Martins Machado.

Compondo a mesa de abertura, em nome dos ex-presidentes e de outros, como M. E. Cimenti que advoga com convicção a participação da psicanálise fora das paredes do consultório, evocamos o texto de Freud que ele mesmo leu no congresso realizado em Budapeste, em 1918. "É também muito provável que na aplicação em massa de nossa terapia sejamos obrigados a fundir o

ouro puro da análise com o cobre da sugestão direta...".

Trabalho pleno de sentido, tanto para seu momento como para a atualidade, quando as desigualdades sociais são absurdamente marcantes e geram entre aqueles que ocupam a parte superior da pirâmide e aqueles que se encontram na base uma verdadeira guerra fratricida.

Nessa direção, escreveu Freud em 1927: "Porém, se a cultura não tem podido evitar que a satisfação de certo número de seus membros tenha por premissa a opressão de outros, por acaso a maioria (e é o que acontece em todas as culturas do presente), é compreensível que os oprimidos desenvolvam uma intensa hostilidade contra essa cultura que eles possibilitam mediante seu trabalho, porém de cujos bens participam em medida muito escassa."

Não deixa de impressionar essa colocação freudiana no texto "O futuro de uma ilusão", pois lembra muito de perto as observações marxistas sobre o trabalho e a distribuição do seu produto. No trabalho de 1918, ele emprega a metáfora do ouro puro da psicanálise que deverá misturar com o cobre da sugestão. Penso que isso é um preconceito peque-

no burguês de Freud que, em alguma medida, ele supera com o fragmento do texto de "O futuro de uma ilusão".

Todo nosso contexto social pede nossa presença. Somos depositários de enorme conhecimento psicopatológico e não podemos reduzir sua aplicação a um pequeno número de pacientes. Poder nós podemos, pois é o que fazemos na maioria dos casos. Contudo, em nome de uma ética mínima com o semelhante, não podemos permanecer em nossa clínica privada reclamando do governo por saúde pública de melhor qualidade e de tantas outras coisas que nossos governantes não fazem. Em lugar disso vamos colocar as mãos na massa. Chega de dizer que os outros são responsáveis, ladrões ou coisa parecida.

Somos doutos em reclamar por segurança pública e devemos fazê-lo. Entretanto, não podemos ignorar que não existe nenhuma segurança possível com tamanha desigualdade social. A violência é a argamassa que sustenta o edifício social.

Se dedicarmos um minuto do nosso tempo ao extramuros do consultório mudaremos o mundo, particularmente aquele das enormes diferenças sociais. •

Quanto há da saúde pública no privado dos nossos consultórios?

Giuliana Chiapin, Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestre em Saúde Mental e Desenvolvimento Infantil pela Tavistock Clinic.



O objetivo deste texto é discutir sobre Psicanálise e Saúde Pública, e o primeiro pensamento que me ocorre é se este "e" é uma conjunção aditiva, de conexão dessas áreas ou uma pequena palavra que separa dois mundos distintos. Surge, então, uma sensação de distância, seguida de alguns questionamentos: Por que essas áreas parecem tão afastadas? O que, afinal, é do público ou do privado em saúde e/ou em Psicanálise? E por que parece que a saúde pode ser do público, mas a Psicanálise tem que ser do privado?

E aqui não estou falando do privado como respeito à intimidade

do paciente, referente ao sigilo terapêutico, que é uma grande fortaleza da Psicanálise; mas do privado no sentido econômico-financeiro, daquilo que se torna reservado a certas pessoas, daquilo que não pode ser oferecido pelo Estado. E, se no nosso país, falamos em Saúde Pública como apenas uma fatia da saúde – que parece precisar ser em grande parte privada – parece-me, então, quase impossível pensar em Psicanálise no contexto da Saúde Pública. Essa tarefa é ainda mais complexa quando se tem uma ideia de que aquilo que é do público nem sempre oferece qualidade; mas aquilo que é do privado, sim.

Falamos, então, de Psicanálise nos consultórios privados; e em "Saúde Mental" na Saúde Pública. Mas, afinal, do que trata a Psicanálise, se não de saúde mental? Sabemos que essa técnica é apenas uma, dentre outras, para lidar com saúde mental. No entanto, por que, muitas vezes, ela é excluída do campo da Saúde Coletiva no nosso país?

Levanto esses questionamentos baseada em minha experiência de oito anos de trabalho com saúde e educação em Londres. Surge, então, outra lógica. Durante essa prática profissional, nunca ouvi a expressão "saúde pública". Na Inglaterra, traba-

lha-se com saúde (e ponto final!). Naquela cultura específica, a saúde é da ordem do público; logo, a Psicanálise também o é! Lá não se questiona sobre a relação da Psicanálise e da Saúde (Pública), ela acontece naturalmente pelo simples fato de que a Psicanálise é uma das ciências que trabalha com saúde mental, e saúde mental faz parte da saúde. Isto parece simples e óbvio, mas na prática não é. Vivenciar outras culturas me permitiu visualizar o impacto que as questões histórico-econômico-sociais exercem sobre a percepção e a aplicabilidade de uma determinada ciência. Neste caso, a Psicanálise.

Durante meu período em Londres, circulei basicamente por duas instituições: The Anna Freud Centre e The Tavistock and Portman NHS Foundation Trust, também conhecida como *Tavistock Clinic*. Os psicanalistas que trabalham nessas instituições fazendo ciência e treinando profissionais, em sua maioria, se não exclusivamente, trabalham também nos centros de saúde atendendo à população. A própria Tavistock, que se define como “a maior instituição de treinamento em saúde mental da Grã-Bretanha reconhecida e respeitada como um dos principais centros de abordagem psicanalítica”, pertence e carrega no seu nome o *National Health Service (NHS)*, que é o sistema nacional de saúde inglês, equivalente ao nosso Sistema Único de Saúde (SUS). Logo, Psicanálise na Inglaterra acontece nos consultórios privados, mas igualmente nos serviços públicos.

Sob esta ótica, a Psicanálise ganha outra conotação. Os questionamentos sobre a técnica se dão constantemente, mas para fortalecer a prática. A preocupação não é se a Psicanálise pode ou não pode, mas como ela atenderá as demandas da população naquele contexto socio-cultural, naquele período, respeitando a essência de cada indivíduo e a essência da Psicanálise como ciência, já tão validada. Compreende-se e respeita-se o formato da técnica. Junto com outras formas de atender às demandas de saúde mental, faz-se uma avaliação muito eficaz sobre o que melhor responde às características daquele paciente, contemplando a técnica psicanalítica como uma das opções.

Também sob essa mesma óti-

ca, a Psicanálise ganha ainda mais força. Além dos atendimentos em saúde, ela é da ordem do público porque os psicanalistas se fazem presentes nas reuniões multiprofissionais; nos espaços de formação profissional; de forma muito séria, nos meios de comunicação; e, em especial, na discussão e validação das legislações em saúde e educação que protegem aquela sociedade. **A Psicanálise, como ciência que lida com conflitos psíquicos e dores emocionais, está nos espaços “lá fora” onde se encontram os sujeitos. Faz-se presente tanto no atendimento direto quanto nas reuniões de equipe/supervisão, fortalecendo os profissionais que realizarão esse atendimento; e também em espaços de discussão de questões pertinentes à saúde daquela comunidade. Mais inserida na ordem do público, a Psicanálise ganha visibilidade, respeito e investimento e, com isso, se produz mais ciência e maiores benefícios para a saúde mental da população.**

Para confirmar esta visão, entre os diversos espaços da Psicanálise na prática em saúde, um dos seminários que tive, por dois anos, durante minha formação na Tavistock, foi “Work Discussion”. Este, baseado na ideia de Bion de “learning from experience”, era o espaço de supervisão para pensarmos psicanaliticamente nossa experiência em outros espaços (hospitais, escolas, centros infantis, postos de saúde, etc.) que não só no consultório, demonstrando que a compreensão do paciente e os recursos da técnica psicanalítica podem ser aplicados em outros *settings*. Através da formação da Tavistock, seriamente supervisionada, era possível fazer uso da Psicanálise para atender às mais diversas demandas que o trabalho com crianças e famílias nos “Children’s Centre” me exigia.

Essa visão é oposta à ideia de que a prática da Psicanálise deve ser distinta e isolada. A Psicanálise, mais do que formação profissional, refere-se à construção do psicanalista como sujeito (tripé da formação) e esta independe do seu local de atuação, menos ainda se este local é no âmbito do público ou do privado. Eu, sujeito, que ali estou como profissional, possuo uma escuta, um olhar, uma compreensão dos fatos e uma abordagem técnica que são únicos desta ciência.

Não estou afirmando, com isso, que tudo se resume à Psicanálise. Certamente não. Menos ainda me refiro a uma “subversão” da técnica e do setting clínico, tão bem delimitado pela Psicanálise, que caracteriza e garante o sucesso dessa ciência. Falo de tê-la tão internalizada, que não tenho como me afastar desse “setting interno”, por me afastar do consultório. Definitivamente, a Psicanálise não é um uniforme específico que vestimos quando estamos junto ao divã com nosso paciente, mas uma ciência que me direciona, me apoia e me diferencia na minha prática profissional.

De volta ao Brasil, além da clínica, passei a trabalhar no Grupo Técnico Estadual da Primeira Infância Melhor (PIM), política pública que atende famílias com gestantes e crianças de zero a seis anos em situação de risco e vulnerabilidade social, através de visita domiciliar. Mergulhei no mundo da Saúde Pública no Brasil, já que o PIM está sob a coordenação da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul. Precisei, então, (re)aprender outra lógica do fazer em saúde (pública), a lógica que dá origem aos questionamentos do início deste texto. Nesta experiência, venho me deparando com uma saúde pública que nem sempre deixa a desejar em relação à privada, pelo contrário. Mas, é claro, ainda com muitas faltas e, dentre essas, falta também Psicanálise.

De volta à ideia da Tavistock, da aplicabilidade da Psicanálise em outros espaços, temos a experiência do PIM. Considero este um programa fundamental, um diferencial em saúde pública no nosso país, uma vez que fortalece as famílias, a partir de sua cultura e experiências, para que promovam o desenvolvimento integral de suas crianças. O PIM trabalha com prevenção e promoção de saúde no seu mais amplo aspecto, e isto inclui a saúde mental do sujeito. A Psicanálise é a ciência que nos diz que é nas primeiras relações que se dá a qualidade da estruturação do psiquismo, que ali está a origem das patologias mais graves. É a Psicanálise, aliada a outras ciências, que nos fala sobre a importância de trabalhar com essa faixa da população.

As visitadoras do PIM não estão ali para fazer Psicanálise, de for-

ma alguma. Esse claramente não é o objetivo do programa e, em especial, elas não têm formação para tal. Entretanto, verifica-se o quanto essa relação se torna terapêutica. A partir de um novo modelo de relação com a visitadora, é possível (re) construir histórias e promover saúde, em especial a saúde psíquica.

Autores psicanalíticos embasam o material e a metodologia desse programa multidisciplinar. A Psicanálise se faz presente quando temos discussão de caso; quando reconstruímos a história destes sujeitos para melhor entender a dinâmica da família; quando, através de reuniões de equipe, tentamos ampliar o olhar e a escuta da visitadora para além daquilo que é verbalizado; quando falamos dos sentimentos depositados na visitadora e nos seus sentimentos contratransferenciais, compreendendo-os para que não sejam atuados; quando reforçamos a importância de respeitar o setting, em especial o horário e o tempo de cada visita; e com estudo permanente. Assim, possibilita-se desenvolver a capacidade de "reverie" da visitadora, para que ela possa

melhor lidar com as demandas daquelas famílias, promovendo saúde.

O PIM é apenas um pequeno viés para se pensar a inserção da Psicanálise no campo da Saúde Pública. Há outros, em especial o trabalho de Apoio Institucional, que contribui para o fortalecimento (emocional) das equipes; e o trabalho terapêutico realizado nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Porém, não discutirei sobre estes no presente material, que visa apenas refletir sobre possibilidades de aproximação das áreas citadas acima.

Apresentei até aqui duas formas de pensar essa aproximação entre Psicanálise e Saúde Pública: a) de forma mais direta, considerando a Psicanálise como uma técnica possível de lidar com saúde mental no âmbito da Saúde Coletiva; b) através de outras formas de aplicabilidade da Psicanálise, além da clínica com o paciente. Formas que fazem uso dos conceitos psicanalíticos, e que qualificam a prática e resultam em promoção de saúde.

Para finalizar, proponho uma terceira forma de aproximação: não apenas levar a Psicanálise para a Saúde Pública, mas trazer essa ideia

de "coletivo" para a clínica psicanalítica. Talvez um simples passo para pensar a conexão dessas áreas seria refletir sobre quanto há de saúde pública no privado dos nossos consultórios. E aqui me refiro à saúde no contexto do público, e não ao nome de uma área específica de trabalho. Quanto aquele indivíduo que eu atendo está se tornando um pai mais saudável na criação de seus filhos? Um diretor de empresas menos cruel, gerando menos adoecimento institucional de seus funcionários? Alguém menos agressivo no trânsito? Menos violento nas relações? Menos impulsivo? E, assim, surgem infinitas possibilidades para cada um dos indivíduos que atendemos no privado dos nossos consultórios que voltam para o público, para as suas relações, afetando o coletivo. Talvez, se ampliarmos a nossa percepção de comunidade, esta relação se torne mais natural. Sendo assim, será que o trabalho psicanalítico no privado dos consultórios, por si só, não poderia também ser considerado uma prática em saúde pública? O que, afinal, é do público ou do privado em saúde e/ou em Psicanálise? •

ANANDA

No mês de agosto a bibliotecária Ananda Feix despediu-se da Brasileira depois de seis anos trabalhando na casa. Ananda passou em um concurso público da UFRGS e irá trabalhar em Tramandaí. A Brasileira sente-se grata por ter contado com a dedicação e competência da ex-bibliotecária e dá as boas-vindas para a nova funcionária, Adriana Clô Lopes, que já iniciou suas atividades.



CALIBÁN

Excesso: este é o tema da mais recente edição da Revista Calibán - publicação da Fepal - lançada nos dias 29 e 30 de agosto no Santander Cultural. O evento foi realizado em parceria da SBPdePA, SPPA, SPPEL e Santander Cultural. A Brasileira foi representada por Helena Surreaux e Celso Gutfreind, que participaram das mesas juntamente com psicanalistas das demais instituições presentes.



DAVID ZIMMERMAN

No mês de julho recebemos a triste notícia do falecimento de David Epelbaum Zimmerman. Médico psiquiatra, psicanalista, psicoterapeuta de grupo, membro efetivo e psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Davidzinho, como era carinhosamente chamado no meio psicanalítico, deixa um vasto legado nos estudos da obra de Bion, de questões teóricas e técnicas do saber analítico. Zimmerman inspirou muitos acadêmicos e profissionais da psicologia com sua escrita clara e envolvente sobre temas complexos. As obras de David são reconhecidas pela forma simples e didática com que transmitia suas experiências. O psicanalista deixa como herança uma extensa obra, que ainda instiga e nos convida a pensar sobre a psicanálise atual, estimulando-nos a refletir e a buscar saber mais.

Ecos do congresso

Participantes do Congresso Fepal
falam sobre a sua experiência no evento

MARLISE ALBUQUERQUE

É realmente muito difícil falar sobre um congresso tão grande, com temas tão variados. Muitos trabalhos sobre parentalidade, homoparentalidade e diversas formas de vínculos, assim como muito se falou sobre o trauma e a violência. Assisti belos trabalhos sobre o tema do envelhecimento, e sobre o corpo e a psicossomática. Foram oferecidas várias oficinas, nas quais se apresentava material, como uma supervisão, e as pessoas da plateia podiam participar junto com as pessoas da mesa, o que foi bem simpático, dinâmico, e muito rico pois escutávamos as opiniões e ali íamos construindo juntos mais um olhar sobre o paciente em questão. Chamou-me a atenção que o tema do desamparo apareceu com força neste congresso. Muito se falou em A. Green, Roussillon, D. Winnicot. Desta vez houve muita ênfase na escola francesa e também argentina, porém as raízes do estudo do desamparo estão em Freud. Portanto sempre e cada vez com maior profundidade, ele continua sendo citado, estudado e homenageado pelos psicanalistas em geral.

CELSO GUTFREIND

A minha principal participação no Congresso da Fepal, em Buenos Aires, foi numa atividade chamada Painel II – diálogos com autores de livros. A ideia era reunir psicanalistas que também escrevem. Coordenada pelas colegas Marlene Silveira Araújo e Naly Durand, a mesa reuniu dois escritores além de mim. Samuel Arbisier, da Argentina, falou do seu mais recente livro sobre grupos. O autor contou que seus mestres foram Pichon-Riviere e Etchegoyen, seu grande leitor. Teresa Yuan, também da APA, contou-nos sobre a sua experiência de levar a psicanálise para a China. Quanto a mim, apresentei meu livro mais recente - A infância através do espelho, ensaios sobre literatura e psicanálise. Confesso que fiquei encantado com meus interlocutores. Com Samuel Arbisier, aprendi que o grupo é algo eminentemente interno, muito antes de se exteriorizar em grupos propriamente ditos. Com Teresa, vibrei com a força da psicanálise em aliar-se a Confúcio para compreender a gente. A acrescentar que o público éramos nós mesmos e um ou dois psicanalistas 'pingados'. Adorei mais ouvir do que falar, confirmando aquela

máxima do Borges de que é muito melhor ler do que escrever.

CLAUDIA E CELSO HALPERIN

Três aspectos do Congresso chamaram a atenção:

- 1- O grande número de atividades clínicas, permitindo uma observação de vários modelos de compreensão e técnica psicanalítica.
- 2- A apresentação de Haide Faimberg, da sua recente "descoberta" dos trabalhos de Winnicott, demonstrando de forma muito talentosa essa descoberta por Winnicott e seu paciente, em um material clínico, daquilo que denominamos como função Paterna.
- 3- Outro aspecto interessante foi a grande quantidade de membros de nossa sociedade participando e assistindo ao Congresso em Buenos Aires.

NORA HELENA STEFFEN

Esta foi minha primeira participação em congressos da Fepal. Foi uma experiência muito gratificante, tanto pelo enriquecimento com relação aos temas apresentados, como pelo convívio com os colegas. Tive a oportunidade de conhecer profissionais de renome internacional dentro da especialidade, ouvir suas opiniões e argumentações; participar de painéis e apresentações de trabalhos; e ver figuras lendárias como Horácio Etchegoyen. Foram momentos intensos e agradáveis, quando, além do conhecimento psicanalítico, foi possível estreitar os laços de relacionamento com colegas da nossa sociedade, assim como, com candidatos de outras instituições. Enfim, uma experiência a ser repetida.

CIBELE FLECK

Participar do Congresso da Fepal foi gratificante. Muitos colegas, psicanalistas de outras sociedades e nacionalidades diferentes, reunidos, pensando e trocando seus conhecimentos sobre psicanálise deixou-me realizada. Muitas vezes escutamos sobre a crise da Psicanálise, mas participar de um Congresso na América Latina com aproximadamente 2.000 inscritos nos mostra que o nosso objeto de estudo e trabalho segue vivo e forte! Participei



pela primeira vez da atividade do pré-congresso didático, Working Party, realizado na Apa - Associação Psicanalítica da Argentina. Me inscrevi no grupo de Observação Clínica com o modelo dos 3 níveis (3L M), para observar as transformações do paciente. Organizado pelo Comitê de Observação Clínica da IPA, coordenado por Marina Altmann (Chair) e Ricaro Bernardi, ambos membros da APU. Gostaria de incentivar meus colegas, membros do Instituto da Brasileira, a participarem de atividades como este congresso, pois foi um momento de grande troca e aprendizado.

CHRISTIANE PAIXÃO

Gostaria de compartilhar com vocês a experiência de participar da OCAL - (Organização Latino Americana de Candidatos) como representante do Brasil na diretoria que se despediu no Congresso da FEPAL, em Buenos Aires. Encerramos a gestão com o congresso da OCAL, ocorrido nas dependências da APdeBA, no dia 03/09, quando reunimos 180 colegas de diferentes nacionalidades apresentando trabalhos, discutindo material clínico, pensando a relação da psicanálise com o social, enfim a Latino América trabalhando junto. Do Brasil recebemos 14 trabalhos, de distintos estados, sendo que um deles ganhou o primeiro prêmio (SBPRP), conferido ao melhor tema livre. Durante o Congresso, lançamos nossa revista Transformación, que está disponível na biblioteca. Para os que lá não estiveram, fica o convite para que sintam-se estimulados a trocar com seus pares, a tomar a fratria como mais um eixo na formação de um analista.

TAMARA BARCELOS J. FERREIRA

A impressão que fiquei do Congresso da Fepal 2014 foi de entusiasmo e de desacomodação. Entusiasmo com a participação num evento com 2.000 pessoas inscritas e com a programação, composta com aproximadamente 30 atividades simultâneas, divididas em três locais distintos. Empolga-

ção por estar numa cidade inspiradora e significativa como Buenos Aires, em que a psicanálise paira no ar, robusta e pulsante. Desacomodação por perceber a multiplicidade de temas abordados e reconhecer a presença de conceitos como a neuro-psicanálise na atividade em que participou Hugo Bleichmar. Às vezes parecendo ser ideias tão áridas, porém evidenciando o quanto o conhecimento deve ser ampliado, integrado, evitando preconceitos em relação às áreas que nos são menos familiares. Foi muito bom, especialmente, confraternizar com colegas próximos e distantes e já ir programando o futuro encontro no próximo congresso em Cartagena, na Colômbia.

MARCO ALBUQUERQUE

Um dos aspectos que mais “ecoou” para mim no Congresso foi o pluralismo de muitas Sociedades na formação psicanalítica, com o aprendizado de vários autores, tanto os clássicos quanto autores modernos, durante o período de formação. Outro aspecto que me chamou a atenção foi a seriedade e preocupação com a qualidade da pesquisa em Psicanálise levada a cabo em várias Sociedades, com diversos grupos de estudo em funcionamento.

JÚLIO CAMPOS

Participei de uma novidade no Congresso Fepal. Foi um dos chamados “working parties”. Trabalhamos segunda (manhã e tarde) e terça (manhã). O objetivo era, a partir de material clínico, identificar as teorias psicanalíticas que operavam na mente da colega nos diferentes momentos da sessão. O trabalho pioneiro tem como um dos mentores principais Samuel Syzman, antigo conhecido e apoiador da Brasileira nos seus inícios, quando fez parte do Sposer Comittee da nossa instituição.

IGNÁCIO PAIM

Participar dos congressos da FEPAL como apresentador de trabalhos é sempre uma experiência rica em aprendizado. Oportunidade de trocar ideias com colegas de diferentes formações culturais e teóricas, desde um olhar latino-americano. Entretanto, neste congresso notei um diferencial, que ao meu ver marcou um avanço: a preparação dos colegas que coordenaram as mesas. Preparação que implicou na leitura atenta dos trabalhos a serem apresentados. Essa postura determinou um nível de discussão com maior profundidade, o que estimulou o público a interagir com maior dinamismo. Tive a oportunidade de apresentar um tema livre: O trauma primordial na dialética do representável e do irrepresentável (Paim Filho e Terra Machado) e de participar

do Painel: Sublimação um desafio metapsicológico. No primeiro, trabalhamos as diferentes posturas sobre a problemática da representação e da percepção em Freud; no segundo, retomamos a importância da sublimação com um dos destinos da pulsão e, como tal, qual a sua vinculação com o desenvolvimento da psique. Há que registrar-se que o tempo de duração de cada atividade foi propício para viabilizar a (re) construção de novas/velhas ficções sobre a realidade psíquica da psicanálise – a ciência do inconsciente. Seguindo em aberto a questão: o que é a realidade, o que é

Ficção? Talvez tendo como um possível delimitador a intensidade do traumático, a força de uma verdade material, que impossibilita o criar, o ficcional.

FERNANDO KUNZLER

Deixo aqui um registro muito positivo da organização científica do Congresso, porque nas mesas, sempre que possível, não ficavam só com “seus pares” os apresentadores, porque trataram de modo que houvesse um Candidato, um Membro Associado e um Titular, o que tornava as discussões muito mais amplas e claras.

A BRASILEIRA NA FEPAL/2014

TÍTULOS	AUTORES
PAINEL: Um estudo da contratransferência em um grupo de psicoterapeutas de orientação psicanalítica frente a relatos de situações traumáticas. Dissertação de mestrado. Departamento de psiquiatria. PPG Psiquiatria UFRGS.	Patrícia Rivoire Menelli Goldfeld
PAINEL: Sublimação um desafio metapsicológico	Ignácio Paim
PAINEL: Por uma nova metapsicologia para as virtudes humanas	Júlio Campos
PAINEL: Lançamento de livros como A infância através da arte	Celso Gutfreind
MESA: O pai morto vivo e a instalação do Nome-do-Pai: implicações em adolescências intermináveis.	Ane Marlise Port Rodrigues e Augusta Gerchmann
MESA: Em nome do pai O sintoma e a ética na Psicanálise	Augusta Gerchmann, Ane Marlise, Laura da Rosa, Gleda Brandão de Araújo e Ignácio Paim
CURSO: O sintoma e a ética na psicanálise	Laura Rosa
CURSO: A psicanálise dos gênios	Júlio Campos
TALLER: Função e lugar da imaginação no trabalho analítico. Componentes: - modalidade tema livre. título: Los dos (auto?) análisis del Dr. Sigmund Freud. Autor: Renato Trachtenberg.	Roosevelt Cassorla, Claudia Borensztein, Clara Nemas, Arnaldo Chuster, Virgínia Ungar, Renato Trachtenberg
TALLER: Psicoanálisis para cambiar el mundo (?): Realidades y ficciones sobre responsabilidad, porvenires e ilusiones	Alícia Lisondo, Leandro Stitzman, Aldo Duarte, Renato Trachtenberg.
TALLER: Apresentação do livro W.R. Bion: A obra complexa, que é parte da programação oficial do Congresso.	Arnaldo Chuster, Renato Trachtenberg e Gustavo Soares
TEMA - LIVRE: Reanálise: realidade ou ficção freudiana?	Fernando Kunzler
TEMA LIVRE: O sintoma e a ética na clínica atual.	Laura Rosa
TRABALHO: “As diversas faces do desejo nos tratamentos de reprodução assistida” No pré-congresso da COWAP (XI Diálogo Latinoamericano Intergeneracional entre hombres y mujeres), cujo tema é “Parentalidades Y Género. Su incidencia en la subjetividad.	Grupo Pró-Criar (Katya de Azevedo Araújo, Mara Horta Barbosa, Maria Isabel Pacheco, Patrícia Mazon e Renata Viola Vives)
TRABALHO: Reanálisis: Realidad o Ficción Freudiana?	Fernando Kunzler
TRABALHO: O criativo longo?	Júlio Campos
POSTER: São os criativos longevos?	Júlio Campos

Mistério do nascimento da vida psíquica do ser humano

Na jornada promovida pelo NIA e realizada na Brasileira em agosto, Víctor Guerra, psicanalista da Associação Psicanalítica Uruguiaia, apresentou-nos o filme "INDICADORES DE INTERSUBJETIVIDAD 0 – 12 MESES: DEL ENCUENTRO DE MIRADAS AL PLACER DE JUGAR JUNTOS". Neste, Guerra estuda o nascimento psíquico do bebê por meio do conceito de intersubjetividade e elabora um guia do processo de subjetivação para uso clínico sobretudo nos transtornos arcaicos de estruturação psíquica do bebê. Nesta entrevista, ele nos fala um pouco sobre isso, entre outras questões.

Gostaríamos de saber um pouco sobre a sua trajetória profissional, e como surgiu o interesse pelo estudo da vida psíquica dos bebês?

Quando me formei em psicologia, já tinha interesse no trabalho com crianças e, ainda antes de finalizar minha formação, integrei-me a uma equipe de pesquisa da relação mãe-bebê nos primeiros dias de vida no Hospital público de Montevideu. Logo liguei-me a outras equipes de trabalho sobre consultas terapêuticas pais-bebê, e assim por diante. Além disso, entre os múltiplos motivos se encontra o interesse pelo mistério do "nascimento" da vida psíquica no ser humano. Quando e como um bebê começa a pensar, a vincular-se com o outro, a entrar na vida de relação? Por sorte esse mistério está aberto e tento, em vão, respondê-lo em cada consulta.

Está sendo lançado o filme "Indicadores de intersubjetividade de 0 – 12 meses: del encuentro de miradas al placer de jugar juntos", como surgiu a ideia do filme?

A ideia de fazer o filme surgiu a partir de um pedido da IPA de realizar projetos de diálogo da psicanálise com a comunidade. Na minha Sociedade alguns colegas me solicitaram pensar um projeto em relação a crianças pequenas e, após uma primeira hesitação,

me veio a ideia de realizar o filme. Também estava entusiasmado porque começava um doutorado na Universidade de Paris 5 R. Descartes sobre o mesmo tema. Assim, pensei que poderia ser um estímulo para articular algumas dessas questões. O objetivo do filme era e é promover a sensibilização e a discussão do tema da subjetivação do bebê e de como participa a mãe, ou quem cuide dele durante o primeiro ano de vida. É direcionado a diferentes profissionais e técnicos que trabalhem com essa população. Para isso, tive que buscar um tipo de linguagem adequada para o objetivo da transmissão. O projeto foi realizado com meu filho, Maximiliano Guerra, realizador áudio visual, cuja ajuda foi absolutamente fundamental. Inicialmente, pensei que o filme duraria uns 25 a 30 minutos, porém, à medida que filmávamos as nove mães e seus bebês encontrávamos imagens e experiências novas, que reformulavam o roteiro pré-estabelecido (que eu havia escrito umas sete ou oito vezes). Assim, finalmente, o filme ficou uma duração de uma hora e meia e encontramos uma boa resposta nos lugares em que o apresentamos.

Falas na elaboração de um "Guia de Indicadores de Intersubjetividade". Como vê a impor-

tância clínica desse guia?

Eu diria que este ponto é um dos elementos fundamentais do filme. Este Guia de Indicadores (grade) é parte central da minha pesquisa qualitativa. É a tentativa de fazer um gráfico de 25 anos de trabalho de observação e consulta, tratando de pensar quais podem ser os pontos estruturantes do primeiro ano de vida. Para isso, me nutri de leituras de diferentes tipos: teorias psicanalíticas, aportes da psicologia do desenvolvimento e do cognitivismo, história, arte, poesia e escuta dos pais e dos bebês. Neste aspecto, esta grade eu a utilizo no trabalho clínico, tanto para avaliar o processo de subjetivação do bebê, como a própria evolução dos casos "graves" que atendo. Estes agora são chamados de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento inespecífico, mas que eu prefiro chamar de Transtornos de Estruturação Arcaica, que implicam num déficit de estruturação em relação a diferentes formas de dificuldades na relação intersubjetiva com seu ambiente. Estou pensando num próximo trabalho que mostre a aplicação da Grade em alguns casos clínicos de crianças pequenas.

Partindo da ideia da construção de um filme, imaginamos ser a capacidade de observar básica para



experiência de detectar os indicadores de intersubjetividade. Qual a sua vivência ou experiência na Observação da Relação Pais-Bebês pelo método Ester Bick?

Esta é uma ótima pergunta, já que todo o meu trabalho surge da disponibilidade à observação. Tive, eu diria, o privilégio, como contei, de iniciar minha prática como psicólogo numa equipe de pesquisa, na qual por mais de seis anos me dediquei a filmar a interação mãe-bebê nos primeiros dias de vida. Logo me dedicava a analisar a interação quadro a quadro, para detectar, mediante observação, índices de comunicação e de encontro de ritmos ou disritmia na relação. No princípio, me guiava mais pelo método micro analítico de D. Stern. Porém, em seguida me integrei a outra equipe de pesquisa em bebês com transtornos de sono, coordenada pela psicanalista Mercedes Garbarino, e então tive a oportunidade de ter a experiência de Observação pelo método de E. Bick.

É preciso ter em conta que M. Garbarino foi a primeira coordenadora de um grupo de observação de bebês no Uruguai nos anos 70, junto a Vida Maberino de Prego (com quem realizei uma entrevista, publicada no Jornal da Brasileira no primeiro semestre de 2010). Diria que ambas me transmitiram uma disposição, que é exatamente o título da mencionada reportagem: "um intenso e permanente assombro".

Essa disposição a acolher o inesperado, ao assombro, a surpresa, é uma das bases da disposição analítica, que se integra ao conceito de "capacidade negativa", que Bion tomara do poeta romântico J. Keats. Assim, integra-se o elemento artístico, poético, que é um fundamento permanente na minha vida.

Desenvolver a capacidade de observar é fundamental a qualquer analista, seja aquele que atende crianças e adolescentes ou o que atende adultos. No entanto, a Observação da Relação Pais-Bebês é pouco buscada na formação analítica geral. O que pensa a respeito?

Pessoalmente, penso que todo analista se veria muito beneficiado com a experiência de observação. Não creio que deva ser obrigatória, porém, para o meu trabalho analítico, foi fundamental. Especialmente porque habilita o analista a manter em suspense a atenção à palavra e ao discurso verbal, a deixar-se levar pela impregnação sensorial do ambiente e do vínculo. É uma forma muito adequada de abrir ainda mais a disponibilidade analítica às emoções que pugnam por expressar-se através do corpo e dos tons de voz, por exemplo.

Creio que há um certo preconceito com o método pela sua raiz kleiniana e o excesso de interpretação que às vezes pode acarretar. Não compartilho dessa crítica. Para mim, o método é uma forma de posicionar-se e não uma forma de interpretação. Não me considero kleiniano e, quando supervisiono essa experiência, trato de integrar outros aportes teóricos e, inclusive, pensá-los como uma forma indireta de intervenção terapêutica. •

LANÇAMENTOS

A CLÍNICA PSICANALÍTICA DAS PSICOPATOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

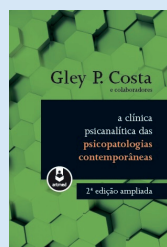
Gley P. Costa, Psicanalista da SBPdePA e colaboradores lançam livro



Freud construiu o edifício teórico da psicanálise a partir dos seus primeiros pacientes que, de certa forma, formavam uma clínica da angústia. O estudo deste conceito fundamental indispensável à psicanálise possibilita uma melhor compreensão das psico-patologias contemporâneas, que incluem as manifestações clínicas subjetivadas, causadas por conflitos psicológicos e acontecimentos passados, e as manifestações clínicas não subjetivadas e não relacionadas a experiências conflituosas. Esses dois grupos psicopatológicos encontram-se representados,

de um lado, pelas neuroses, psicoses e perversões, configurando uma clínica do simbólico, e, de outro, por pacientes que demonstram uma capacidade muito precária para modular operativamente a angústia, recorrendo a defesas que visam atenuar as vivências de vazio, frieza e desamparo pelas quais o ego se sente invadido, configurando uma clínica do desvalimento. Esses pacientes apresentam uma perturbação da consciência originária, com o que se perde a qualificação, quer dizer, o registro dos afetos e dos matizes sensoriais diferenciais.

Um terceiro grupo psicopatológico reúne pacientes que apresentem fragmentos neuróticos, psicóticos ou perversos e fragmentos desvalidos em diferentes proporções, ou em diferentes momentos, sendo da maior importância para o entendimento e manejo dessas situações clínicas o conceito freudiano de correntes psíquicas. Esse é o contexto teórico que serviu de referência para o autor e seus colaboradores estudarem as situações clínicas que compõem os 20 capítulos desta obra que visa ampliar e atualizar o conhecimento psicanalítico.



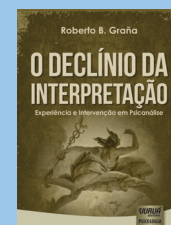
*"É uma satisfação quando nos deparamos com uma publicação esclarecedora e ao mesmo instigante no campo da Psicanálise. Só um grande autor pode nos propiciar esse prazer. É o caso de Gley Pacheco Costa, psicanalista de larga e profunda experiência clínica, além de talentoso professor, ao nos apresentar o livro: **A Clínica Psicanalítica das Psicopatologias Contemporâneas**. Sua obra ocupa cada vez maior relevância na produção psicanalítica brasileira e mundial, não só pela oportunidade dos temas tratados, como também pela desenvoltura e erudição inegáveis que o autor exibe ao compartilhar suas investigações clínicas."*

Rogério Coelho de Souza (Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo)



O declínio da interpretação: experiência e intervenção em psicanálise

O médico psiquiatra e psicanalista da SBPdePA Roberto Graña lançou, no dia 3 de outubro, sua mais recente obra "O declínio da interpretação: experiência e intervenção em psicanálise", com uma sessão de autógrafos no Centro de Eventos do Hotel Plaza São Rafael.



W.R.Bion - A Obra Complexa

A Livraria Cultura e a Editora Sulina lançam neste semestre a obra W.R.BION dos autores Arnaldo Chuster, Gustavo Soares e Renato Trachttemberg.



MOVIMENTOS

- Gley Pacheco atuou como palestrante convidado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) no evento "I Jornada de Psicossomática Psicanalítica: En-fermidade Psicossomática e relacionamento conjugal", nos dias 31 de outubro e 1 de novembro.
- Ana Paula Terra Machado

marcou presença em Campo Grande com a apresentação do trabalho "O mundo em mutação: Realidades e Ficções", no dia 15 de agosto na Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul. Em outubro, nos dias 3 e 4, ela participou da mesa redonda de exercícios clínicos, como convidada da SPB. Também foi palestrante na Jorna-

da Científica "2014: Cem Anos de Introdução ao Narcisismo", a convite do GEPMG, no dia 25, em Belo Horizonte.

- Celso Gutfreind participou, nos dias 26 e 27 de setembro, como convidado especial da 1ª Jornada de Escrita em Psicanálise – A escrita psicanalítica. Será arte? da Sociedade de Psicanálise de Brasília.



RESENHA

"Eu, mamãe e os meninos"

Ester Malque Litvin
Psicanalista da SBPdePA

"Eu, mamãe e os meninos" ("Les Garçons et Guillaume, à table!") é um filme francês, uma adaptação da peça de teatro de mesmo nome, realizado e magistralmente interpretado por Guillaume Gallienne.

Lançado em 2013 no Festival de Cinema de Cannes, ganhou o Prêmio Art Cinema e o Prêmio da Society of Dramatic Authors and Composers. Recentemente foi laureado com Troféu César de melhor filme e melhor ator (merecidamente).

Classificado como comédia dramática, autobiográfico, o filme é delicado, comovente, humano e, ao mesmo tempo, engraçado.

É a história de Guillaume, o caçula de três filhos homens de uma mulher vista como temperamental e imprevisível. Ele é o oposto de seus irmãos – franzino, medroso, ingênuo, efeminado, não se interessa pelos esportes, uma decepção para seu pai. Em suma, diferente dos outros, não corresponde às "normas" sociais estabelecidas para um menino.

Nas primeiras cenas, Guillaume descreve as tentativas de captar a atenção de sua mãe, que não o olha, não se interessa por ele. Primeiro tenta a via do corpo – queixa-se de dores de cabeça. Não funciona! Tenta, então, a via do mimetismo – imita seus gestos, seu comportamento, transforma suas roupas de menino em adereços femininos. Passa a se considerar uma menina. Assim consegue a atenção de todos. O pai reage e o manda para um internato; a avó e a tia conversam com ele sobre sua sexualidade e lhe dão conselhos; e, principalmente, a mãe passa a olhá-lo, mas como a uma filha. É característica a maneira como a mãe chama seus filhos para que venham para a mesa: "Guillaume e os meninos, está na mesa!" – frase que dá título ao filme, fazendo uma distinção entre os meninos e Guillaume. Toda a família considera que será homossexual. Então, Guillaume faz, como um bom menino, o que ele pensa que é esperado dele e se torna uma menina. Não se considera homossexual, mas uma mulher que se interessa por homens.

Haveria muitos vértices para embasar meus comentários sobre este interessante e instigante filme. O Complexo de Édipo complicado vivido pelo protagonista, por exemplo, mas optei pelo vértice da primeira associação que fiz, movida pelo sentimento incômodo diante da relação pais-filho, descrita pelo filho, em que predominam os desejos e conflitos dos pais em detrimento das necessidades do filho.

"O precursor do espelho é o rosto da mãe". "(...) a mãe está olhando para o bebê e aquilo com que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali". (Winnicott)

"Mas quando a mãe reflete seu próprio humor ou, pior ainda, a rigidez de suas próprias defesas, o bebê olha e não se vê. E isso traz consequências". (p.154)

Penso que Guillaume não pôde espelhar-se no rosto da mãe, uma vez que sentia que ela não o olhava e, tal como alguns bebês "tantalizados", descritos por Winnicott, passou a tentar prever o humor da mãe, a imitá-la, a ser ela. Enterrou sua espontaneidade, sua existência, sua realidade e suas próprias necessidades para dar lugar às necessidades da mãe.



O filme conta o trabalho introspectivo de fôlego, o debate interior, a busca difícil e comovente da identidade sexual, ou melhor, da identidade do próprio Guillaume Gallienne.

O final é surpreendente, mas não vou estragar a surpresa daqueles que pretendem vê-lo. Apenas direi que no final Guillaume se reconcilia com Gallienne.

Aproveito para deixar o convite para que venham compartilhar seus comentários conosco no Café Cinema da Brasileira, dia 22 de novembro. •

Desejo

Desejo teu corpo
Desejo teu beijo
Desejo teu amor



Não sei onde colocar tanto desejo,
Não sei o que fazer
Te quero tão perto,
Te tenho tão longe

Nem tenho...
Só guardado na memória,
Um lapso de cheiro, de ardor

Ah! Doce sabor
Intenso e jovial frescor
Minha memória me permite
passear no tempo

Não sei até quando poderás
ficar em mim.

Patrícia Poerner Mazon
Membro do Instituto de Psicanálise
da SBPdePA

Sorriso no rosto
Doçura no olhar
Ternura, carinho
És a fada madrinha
A minha
Que alada
Voa entre as papoulas
Vermelhas, rosadas
Asas contentes
Sorridentes
Transparentes como o orvalho
Espalhando afeto
Com muito gosto
O oposto
Das almas feridas
Que contam com tua guarida
Com tua alegria de vida
Contida no teu olhar



Jeanete Suzana Negretto Sacchet
Membro do Instituto de Psicanálise
da SBPdePA